

O Jarro de Barro

Paulo Fernando Góes

Personagens

NALVA – Recém-separada, mora sozinha com seu papagaio em um quarto e sala alugado no subúrbio carioca. Ela é bem humorada, otimista e sonhadora.

VERA – Vizinha de Nalva, é casada com Edmar. É uma mulher forte, manipuladora e persuasiva. Manda e desmanda no marido. Detesta a vizinha, estão sempre brigando.

EDMAR – Casado com Vera, é apaixonado pela mulher. É do tipo malandro e vagabundo, vive dos biscates que faz.

ABÍLIO – Síndico do edifício, mora com sua esposa. É um homem bonito, está sempre bem arrumado e fala como os políticos. É o amante de Vera.

Cenário

Do lado esquerdo do palco, a sala do apartamento de Nalva, um quarto e sala tipicamente suburbano. Ao fundo, uma porta que dá para seu quarto e uma ampla janela. Do lado esquerdo da sala, uma porta que dá para a cozinha. Em lugar de destaque, está uma gaiola onde fica seu papagaio, Huck. Do lado direito do apartamento de Nalva, uma porta que dá para o hall do prédio. Neste hall, a porta do elevador e um aparador onde está, bem no centro do palco, o jarro de barro. Do lado direito do hall, a sala do apartamento de Vera e Edmar. Ele é o espelho do apartamento de Nalva: uma ampla janela ao fundo, uma porta que dá para o quarto e, do lado direito, a porta da cozinha. Também tipicamente suburbano.

Sinopse

Nalva acabou de perder o namorado pra uma mulher mais velha e está desiludida da vida. Quando ela chora suas lamúrias para Huck, seu papagaio, Nalva tem a idéia de fazer uma simpatia para ganhar dinheiro, colocando suas economias junto com fermento em um jarro de barro que foi pego emprestado do hall do condomínio. Quando Abílio, o síndico, vai cobrar os doze meses atrasados de condomínio para Vera e Edmar, ele sente falta do jarro, reclama por ele e Nalva recoloca-o no lugar, sem tirar o dinheiro que colocou dentro para que a simpatia não tenha efeito contrário. Edmar, por sua vez, ganha quinhentos reais no jogo do bicho e não conta para ninguém. Ao voltar para casa com o prêmio, sua esposa vai abrir a porta reclamando por este dinheiro e, sem saber o que fazer, Edmar esconde o dinheiro no jarro de barro. Nalva encontra o dinheiro e acredita que sua simpatia deu certo. A partir daí, uma sucessão de confusões e mal-entendidos acontecem em um engenhoso abrir e fechar de portas que fazem desta, uma divertidíssima comédia.

(As cortinas se abrem ao som da música 'Me Deixe te Esquecer', de Gilliard. No cenário, dois apartamentos separados por um hall, onde há um elevador e um aparador com um jarro de barro largo e de boca estreita. Do lado esquerdo, a casa de Nalva e do lado direito, a casa de Vera e Edmar. Nalva alimenta seu papagaio, aumenta o som e cantarola a música de Gilliard. Vera está arrumando sua casa, incomodadíssima com a música alta.)

VERA – Ninguém merece essa vizinha!

NALVA *(cantarolando)* – *Acabou, é melhor assim / Por favor, não volte pra mim / Eu não quero acreditar outra vez e me arrepender.*

VERA – Isso é música de corno! A coitada aí deve ter levado um belo de um chifre e eu que tenho que ficar aturando as dores dela? Ah, não! Ela que vá chorar no pé do caboclo! No meu ouvido, não!

NALVA *(continua cantando)* – *Já me basta o que você me fez e me deixe te esquecer...*

VERA – Jesus, que mulher brega! Gilliard arde os ouvidos!

NALVA *(para seu papagaio, Huck)* – Ah, Huck, querido. Só você pra me fazer companhia num momento desses. Não é fácil pra uma mulher de quarenta ser trocada por uma de... Cinquenta! Isso acaba com a auto-estima de qualquer uma! Mas eu tô bem, viu? Tô ótima! Melhor sozinha do que com aquele traste ruim. E eu não quero saber de ninguém tão cedo! *(Ouve a letra da música.)* E chega dessas músicas! Será possível, Huck, que esse povo só sabe fazer música que fale de amor? Nas novelas, nos filmes, ninguém tem outro assunto?! Ah, quer saber? Eu estou solteira e não quero ouvir falar de amor! *(Vai até o rádio para mudar de estação)* E isso não tem nada a ver com a traição do meu ex-marido. Ex é ex, passou, acabou!

(Sintoniza o rádio.)

RÁDIO – *O que passou, passou, não importa / Ficou do outro lado da porta / Pra nunca mais / Amo você.*

NALVA – Ama nada!

(Nalva muda a estação novamente e sintoniza em outra rádio.)

RÁDIO – *Eu amo amar você / Puxa, como eu amo amar você...*

NALVA – Ah, não!

(Muda a estação novamente.)

RÁDIO – *Esqueça, se ele não te ama / Esqueça, se ele não te quer...*

(Nalva desliga o rádio para colocar um CD.)

NALVA – Esqueço, sim! Esqueço mesmo. Vou esquecer! Pronto, já esqueci.

VERA – Ah, que bom! Ela desligou o som. Que bom! Obrigada, meu Deus.

NALVA – Rádios imbecis! Só tocam as mesmas porcarias! Cansei! Não quero ouvir falar de amor! Será possível que não se pode ser solteira em paz? Vou por uma música bem alegre, mais agitada.

(Nalva coloca 'Dandalunda', interpretada por Margareth Menezes.)

NALVA *(cantando)* – *Bem pertinho da entrada do gueto / Num terreiro de angola, Iketu / Mãe Maiamba que comanda o centro / Dona Oxum dançando Oxossi no templo / Lá em cima do tamarineiro / Mariinha da pipoca ajoelha / Em janeiro, no dia primeiro / Desce o dono do terreiro / E diz coquê / Dandalunda, Maimbanda, Coquê...*

VERA – Ah, não! Ah, não. Música de macumba, não! Deus que me livre! Essa louca frequenta algum terreiro, eu tenho certeza! Se ela morasse em cima de mim, eu cutucava o teto com uma vassoura, mas como mora do lado e eu não vou me rebaixar de ir lá, eu também vou botar meu som alto que é pra ver se ela se toca! Ela não sabe nem o que é o bom da música popular brasileira. Vou botar Gal Costa pra ela, perai.

(Vera coloca 'Pegando Fogo', interpretada por Gal Costa e, para fazer ainda mais barulho, ela canta a música bem alto.)

VERA – *Meu coração amanheceu pegando fogo / Fogo, Fogo!*

(De pijama, Edmar vem correndo com um extintor de incêndio na mão.)

EDMAR *(gritando)* – Fogo, meu Deus, fogo! Fogo onde? Cadê o fogo?

(Nalva escuta Edmar gritar 'fogo'.)

NALVA – Fogo? Socorro, fogo!

VERA – Não tem fogo nenhum, Edmar.

(Nalva sai e dispara o alarme de incêndio que está no hall.)

VERA *(ouvindo o alarme)* – Fogo! Meu Deus, socorro, fogo!

(Vera e Edmar saem desesperados e dão de cara com Nalva no hall.)

EDMAR *(para Nalva)* – O fogo é da sua casa?

NALVA – Não! Eu ouvi você gritando fogo e aí eu vim e disparei o alarme!

EDMAR – Mas...

VERA *(desligando o alarme)* – Não tem fogo nenhum, pronto. Aliás, tem sim. Eu! Foi por isso que a senhora ouviu o meu marido gritando 'fogo'. Porque ele me viu.

NALVA – E é com esse extintor que ele apaga o seu fogo?

VERA – O meu marido apaga meu fogo com uma mangueira! Aliás, eu imagino que deve ser muito difícil pra senhora, uma mulher solteira, ficar ouvindo o barulho que eu e o meu marido fazemos a noite inteira.

NALVA – Que barulho? O ronco do seu marido?

EDMAR – Quem ronca é ela! Eu não ronco.

VERA – Quietos, Edmar! *(Para Nalva)* Eu estou falando de outro barulho...

EDMAR – Está falando do meu problema de gases, não é? Eu já melhorei muito depois do Luftal Max!

NALVA – E viva a minha vida de solteira...

VERA *(cutucando o marido)* – Eu sou muito bem casada, ouviu? Diferente de umas pessoas que eu conheço que ficam curtindo dor de corno por aí.

NALVA – Isso foi uma indireta pra mim, foi?

VERA – É isso mesmo! Ninguém agüenta essas músicas de corno que você ouve o dia inteiro! Quando não é música de corno é música de macumba!

NALVA – Pois os incomodados que se mudem! Eu me incomodo com o ronco do seu marido e nem por isso fui reclamar com ele.

EDMAR – Quem ronca é ela...

VERA – Quietos, Edmar! Olha aqui, querida, eu não vou me mudar, não, porque este apartamento aqui é próprio, entendeu? Eu não sou inquilina que nem a senhora, viu?

NALVA – Pois fique sabendo que meus direitos aqui são os mesmos da senhora! E eu não vou mais ficar aqui de bate-boca. Eu sou uma mulher de classe, ouviu? Uma mulher fina!

VERA – Fina? Com esse corpinho? Tá difícil...

(Nalva voa em cima de Vera e Edmar se coloca no meio.)

EDMAR – Calma, minha gente, olha o barraco!

NALVA – Ela que é barraqueira! *(Para Vera)* Vulgar!

VERA – Corna! Brega!

EDMAR – Parem já com isso, as duas!

VERA – Quietos, Edmar!

NALVA – Cuidado, gato que aperta briga é o que mais sai arranhado!

EDMAR – Tem razão. Eu vou pra minha casa.

VERA – Edmar, vai dar razão pra ela, vai?

EDMAR – Tchau!

(Edmar entra em casa e bate a porta. Vera olha feio pra Nalva.)

NALVA – O que é que foi? Vai morder, é? Sou vacinada!

(Nalva entra em casa e bate a porta. Vera entra em casa furiosa também.)

VERA – Edmar!

(Vera sai de cena pelo mesmo lugar por onde saiu Edmar. Nalva está na sua casa, conversando com seu papagaio.)

NALVA – Você está vendo, Huck, tá vendo? Essa louca aí do lado veio me chamar de gorda, pode? Você acha que eu tô gorda? Ela pensa que é o quê, hein? Me diz, Huck, me diz! Você ouviu o que ela disse? Que

ela é proprietária e que eu sou inquilina, portanto, eu que tinha que me mudar! Que mudar, que nada! Eu daqui não saio. Não vejo a hora de conseguir um dinheiro pra comprar esse apartamento, viu? O que é que eu faço pra conseguir um dindin, Huck? Hein? Me diz! Não vai responder? Hum, que antipatia! É isso... É isso! Uma simpatia! Obrigada, Huckinho, muito obrigada. Vou já pegar meu livro de simpatias. *(Nalva sai e volta com o livro 'Simpatia para Tudo e para Todos'.)* Cadê, deixa eu ver, deixa eu ver. Aqui! Como fazer o dinheiro multiplicar. *(Lendo)* Pegue um pouco de fermento, junte com suas economias e ponha dentro de um jarro de barro, falando pra si mesma: 'Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro'. Opa, é pra já! Providenciando fermento...

(Nalva sai para a cozinha. Enquanto isso, Vera discute com Edmar.)

VERA – Que marido é esse que foge na hora em que o pau quebra?

EDMAR – Ah, e você queria que eu deixasse o pau quebrar em cima de mim?

VERA – Você deveria ter tido uma atitude de homem, Edmar.

EDMAR – Por exemplo?

VERA – Uma bolacha na cara dessa sujeita!

EDMAR – Ela me processa, meu amor! E você sabe que eu não gosto de bater.

VERA – É, Edmar. Eu sei. Nem pedindo você bate.

EDMAR – Sadomasoquismo não é comigo, benzinho.

VERA – Não é sadomasoquismo, querido. Só peço tapinhas de leve.

EDMAR – Meu amor, nessas horas eu só quero fazer carinho em você... Você sabe o quanto eu te respeito.

VERA – Respeite sua mãe! A mim, não. Nessas horas não tem que ter respeito coisa nenhuma! Sua mãe, sim, merece respeito. Tu tem que tratar a velha assim, ó, pra ver se ela deixa de ser pão dura e te dá um dinheirinho extra. Ela tá tão bem, morando no Recreio... E a gente aqui, nesse cubículo, com essa vizinha baixo nível. *(Transição)* Você fez nossa fezinha hoje?

EDMAR – Fiz! Joguei no macaco.

VERA – Macaco, Edmar? Que coisa mais sem originalidade! Não tinha um bichinho mais interessante pra escolher, não?

EDMAR – Eu sonhei com macaco.

VERA – E eu durmo com um! Francamente, Edmar, você acredita que sonho dá resultado do jogo do bicho, é? Faça-me o favor!

(Vera sai. Edmar interfone para o porteiro.)

EDMAR – E aí, Zé? Tudo tranquilo, meu camarada? Chegou correspondência aí pra mim? Só conta? Lh, deixa aí que depois eu pego. Escuta, tu sabe qual foi o resultado do bicho? Macaco!? Sério? Opa, ganhei quinhentos reais! Que beleza! O quê? Não, rapaz, não posso emprestar, não. Não, não, meu camarada, não dá. E o que é que eu tenho a ver com o seu gás? Se acabou o gás, compra um microondas! E eu não te dou intimidade, rapaz! Tu tá muito abusadinho. Mané!

(Edmar desliga o interfone.)

EDMAR – Porteiro abusado! Opa, quinhentinhos na minha mão! A Vera que me perdoe, mas essa grana vai ficar pra mim! Uh, que beleza!

(Vera entra.)

VERA – Falando sozinho, Edmar?

EDMAR – Hã? Ah, não, meu amor. Eu tava cantando. *Uh, uh, uh, que beleza! Que beleza é curtir a natureza!*

VERA – Que alegria é essa, Edmar?

EDMAR *(indo fofoso pra Vera)* – Como é que eu posso não ficar alegre com essa formosura de mulher do meu lado, dia e noite, noite e dia?

VERA – Tô te estranhando, Edmar. Tomou o remedinho fora da hora, foi?

EDMAR – Vamos pro quarto, meu amor, vamos, vamos!

VERA – Ui, Edmar, calma! Peraí! Vamos.

(Vera e Edmar saem e Nalva entra.)

NALVA – Olha, Huck, achei esse fermento aqui que eu não sei se serve, já tá vencido. Ah, deve servir, né? Ninguém come dinheiro mesmo. Agora só falta o jarro de barro. De barro eu não tenho, só tenho de plástico. A não ser que eu pegue esse do hall... Será que alguém vai dar falta?

(Nalva sai e, sorrateiramente, pega o vaso do hall.)

NALVA – Pronto, Huck, peguei! Agora tem que colocar minhas economias junto com o fermento no jarro. Cadê minhas economias... Aqui, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta reais, pronto! Toda a minha fortuna! Esse povo também, viu? Se eu tô fazendo essa simpatia é porque estou precisando de dinheiro! Como é que eles me pedem dinheiro pra me dar mais dinheiro? Ora, se eu tivesse, não pediria!

(Nalva coloca os cinqüenta reais no jarro. Ela pega o livro onde leu a simpatia e, seríssima, fala pra si mesma, enquanto derrama o fermento no jarro.)

NALVA – Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro... Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro. Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro!

(Nalva coloca o jarro, com todo cuidado, em cima da sua mesa.)

NALVA – Pronto, Huck. Agora é só esperar alguma coisa acontecer: um telefonema avisando que eu ganhei a herança de algum tio milionário desconhecido, o Gugu na minha casa pra comprar tudo novo pra mim, o caminhão do Faustão, o Netinho me chamando pra ter um dia de princesa, sei lá, alguma coisa tem que acontecer!

(Nalva sai. Entra em cena Abílio, o síndico do prédio. Ele toca a campainha na casa de Vera e Edmar. Ainda fora de cena, eles discutem.)

VERA – Não atende, Edmar! Agora, não!

EDMAR – Meu amor e se for algo urgente?

VERA – Não pode ser mais urgente do que eu!

(Abílio toca a campainha com insistência.)

EDMAR – Benzinho, com essa buzina nos ouvidos, não dá pra me concentrar!

VERA – Vai, Edmar, vai atender essa porta!

(Edmar vai abrir a porta, terminando de se vestir.)

ABÍLIO *(ao ver Edmar usando uma cueca samba-canção)* – Hora imprópria?

EDMAR – Ô!

(Edmar tenta fechar a porta e Abílio impede com o pé.)

ABÍLIO *(invadindo a casa de Edmar)* – Não vou me demorar.

EDMAR – O senhor quer entrar? Ah, fique à vontade.

ABÍLIO – Seu Edmar, como síndico deste edifício, o senhor sabe que eu tenho o dever de zelar pra que tudo corra bem e...

(Entra Vera, de camisola.)

VERA – Quem era, Ed... Oh, como vai, seu Abílio?

ABÍLIO – Muito bem, obrigado.

EDMAR *(enciumado)* – Meu amor, vai lá pra dentro, por favor.

VERA – Claro que não, Edmar! Eu também quero saber o que é que o síndico tem pra falar com a gente!

EDMAR – Então, por favor, benzinho, vá se compor melhor, vá.

VERA – Deixe de bobagens, Edmar. Aqui não tem nada que o seu Abílio já não tenha visto na casa dele com a mulher dele.

ABÍLIO – É, não chega a tanto.

EDMAR – Mas, então, você quer o quê?

ABÍLIO – Imagino que vocês já saibam o motivo da minha visita.

VERA *(dispara)* – Ah, é essa vizinha, não é? Ela foi fazer queixa da gente, não foi? O que foi que ela falou, hein? Fala pra mim o que foi que ela falou! Eu vou lá e me acerto com ela. O barraco começou por causa dela

que fica obrigando a gente a ouvir música de corno o dia inteiro! Quando não é música de corno, é música de macumba! Eu tenho pra mim que ela é macumbeira!

EDMAR – Calma, benzinho.

ABÍLIO – Houve algum desentendimento da senhora para com a sua vizinha?

VERA – Ela não te falou nada?

ABÍLIO – Não.

VERA (*desconcertada*) – Foi coisa boba, a gente já resolveu.

ABÍLIO – Eu vim aqui para cobrar os doze meses atrasados de condomínio.

VERA – Aí é com o Edmar. Dá licença, viu?

(*Vera sai.*)

ABÍLIO – E então?

EDMAR – Olha, seu Abílio, o senhor me desculpa esse atraso todo, mas é que a coisa tá apertada mesmo, sabe? Tô desempregado, sem dinheiro...

ABÍLIO – Sem nenhum dinheiro? Nenhum, nenhum?

EDMAR – Aonde o senhor quer chegar?

ABÍLIO – Fiquei sabendo pelo porteiro que o senhor apostou no macaco e ganhou quinhentos reais no bicho, é verdade?

EDMAR (*à parte*) – Puta que pariu!

ABÍLIO – Como?

EDMAR – Nada, não! Tava pensando alto.

ABÍLIO – E então? O senhor ganhou ou não ganhou quinhentos reais no bicho?

EDMAR – Psiu! Fala baixo. (*Puxando Abílio para frente*) Sabe o que é, seu Abílio? Minha mulher não pode saber que eu ganhei esse dinheiro! O senhor sabe como é mulher, né? Se ela souber vai querer ir ao salão, aí já viu, né? É unhinha francesinha aqui, hidrataçãozinha ali, até escova de chocolate vem cobrando,

acredita? Nunca vi escova de comer! Enfim, se ela descobre, gasta tudo e eu não vou poder honrar meus compromissos, entende?

ABÍLIO – Sei. Então, é verdade.

EDMAR – É, eu ia interfonar pro senhor pra falar desse dinheirinho que entrou, mas o Zé me fez o favor de se adiantar, né?

ABÍLIO – Os funcionários deste edifício são instruídos para isso, seu Edmar.

EDMAR – Pra fazer fofoca?

ABÍLIO – Não, senhor! Pra repassar informações valiosas que possam contribuir para uma boa administração deste condomínio.

EDMAR – Ah, tá! Muito bem.

ABÍLIO – Pois, então.

(Faz-se um longo silêncio.)

ABÍLIO – E então, seu Edmar?

EDMAR – Então, o quê?

ABÍLIO – O dinheiro!

EDMAR – Ah, o dinheiro! Ave Maria, seu Abílio, que pressa danada! Eu fiquei sabendo agora que acertei no macaco. Nem fui pegar meu dinheiro ainda.

ABÍLIO – E o senhor vai quando?

EDMAR – Hoje! Agora mesmo.

ABÍLIO – Pois então, vamos.

EDMAR – Nestes trajes não dá, né?

ABÍLIO – Pode trocar de roupa que eu espero.

(Lá de dentro, Vera grita.)

VERA – Edmar!

EDMAR – Agora não dá, seu Abílio. Vou terminar o que o senhor interrompeu quando chegou. Assim que eu estiver com o dinheiro na mão, te interfono.

ABÍLIO – Muito bem. Estarei aguardando, seu Edmar.

EDMAR *(encaminhando Abílio até a porta)* – Pode confiar, seu Abílio. Até mais!

ABÍLIO – Até.

(Abílio sai e percebe que o jarro de barro não está mais no hall. Nalva está saindo de casa com uma sacola de feira nas mãos.)

ABÍLIO – Como vai, Dona Nalva?

NALVA – Oi, seu Abílio! Tudo bem com o senhor?

ABÍLIO – Tudo. Dona Nalva, a senhora, por um acaso, notou a presença de gatunos pelas redondezas?

NALVA – Vi, sim, seu Abílio. Ainda ontem tinha um no lixo, rasgou o saco, fez uma sujeira danada...

ABÍLIO – Não estou me referindo ao animal. Falo de ladrões.

NALVA – Ladrão?! Ladrão aqui? Jura? Mas o que é que estes pestes querem aqui, roubando pobre?

ABÍLIO – A senhora não deu falta de nada?

NALVA – Se eu dei falta? De quê? Não, lá de casa não levaram nada.

(Edmar, já vestido, sai e encontra Abílio e Nalva no hall.)

EDMAR – Opa, ainda por aqui?

ABÍLIO – Estava conversando com a Dona Nalva sobre a presença de gatunos nas redondezas.

EDMAR – Deu ladrão no prédio?

ABÍLIO *(olhando para o lugar onde estava o jarro)* – Ao que me parece, sim.

NALVA – Que coisa!

ABÍLIO – O senhor não está sentindo falta de nada?

EDMAR – Não.

ABÍLIO *(incisivo)* – Nem do jarro de barro que estava aqui?

NALVA – Ah, o jarro!

EDMAR – Um jarro vagabundo, sem graça, não vai fazer falta.

NALVA – Por quê não falou logo, seu Abílio! Não foi ladrão, não. O jarro está comigo, eu peguei emprestado pra regar minhas plantinhas. Dizem que regando com jarro de barro, tem que ser de barro, as plantas nascem mais vistosas, sabe? Como o barro é da terra, se você rega a planta com água de algum jarro de barro, a terra fica mais fértil e as plantas crescem mais rápido, sabiam?

ABÍLIO – E eu suponho que a senhora vá devolver o jarro ao seu lugar original.

NALVA – Agora mesmo, seu Abílio! O senhor me espere, não saia daí! Quero que o senhor me veja colocando o jarro de volta no lugar.

ABÍLIO – Pois, não. Estou aguardando.

(Nalva entra na sua casa e fecha a porta.)

EDMAR – Bom, com licença, vou cuidar da vida.

ABÍLIO – Estarei esperando pelo senhor, seu Edmar. Com a verba para quitação da sua dívida para com o condomínio!

EDMAR – Sim, senhor! Tchau.

ABÍLIO – Até logo.

(Edmar sai. Abílio está no hall, aguardando Nalva.)

NALVA – E agora, Huck, faço o quê? Se eu tirar meu dinheiro daqui, a simpatia não vai dar certo! Pior, pode ter efeito contrário! Valha-me Deus, não quero nem pensar. Por outro lado, esse mané desse síndico deu falta do jarro, não posso mais ficar com ele aqui em casa. Se bem que, aqui no hall, é tão perto... Será que tem perigo se eu devolver o jarro com meus cinquenta reais dentro? Acho que não, né? O próprio Edmar falou que o jarro era sem graça. Além disso, essa boca é muito estreita, não dá pra enfiar a mão. Nem dá pra ver o que tem dentro, é muito fundo.

(Impaciente, Abílio toca a campainha de Nalva.)

NALVA – Já vai!

ABÍLIO – Está com dificuldades para encontrar o jarro, Dona Nalva?

NALVA – Não, já achei! Vai assim mesmo, Huckinho, com dinheiro, fermento e tudo! Ai, seja o que Deus quiser.

(Nalva sai com o jarro e o recoloca no aparador do hall.)

NALVA – Pronto, seu Abílio. Tá o jarro!

ABÍLIO – Muito bem, Dona Nalva. A senhora sabe, como síndico, tenho o dever de zelar pelo patrimônio do condomínio.

NALVA – Sei, sim, senhor. Mais alguma coisa?

ABÍLIO – Não, senhora.

NALVA – Até logo, então. Vou pra feira.

ABÍLIO – Boas compras. Tchau!

(Nalva e Abílio entreolham-se desconfiados.)

NALVA – O senhor vai comigo de elevador ou vai de escadas?

ABÍLIO – Não, obrigado. Prefiro ir de escadas. É mais saudável!

NALVA – Ah, tá. Então, tchau!

ABÍLIO – Tchau.

(Nalva entra no elevador e, de repente, ela abre a porta de novo e surpreende Abílio com a mão perto da campainha da casa de Vera.)

NALVA – O senhor tá esperando a escada ir até o senhor, é?

ABÍLIO – A escada? Ah, não! Vou só pegar minha carteira que eu esqueci na casa da Dona Vera.

NALVA – Ah, tá! Entendi. Tchau!

ABÍLIO – Tchau.

(Nalva sai. Depois de confirmar que o elevador já desceu, Abílio toca ansioso na casa de Vera.)

VERA – Já vai!

(Vera abre a porta para Abílio. Ele entra agarrando-a loucamente.)

VERA – Ai, Bibi! Que saudades, meu amor.

ABÍLIO – Minha cachorrinha!

(Vera late, rosna e fica de 4, brincando com Abílio como num jogo de gato e rato.)

ABÍLIO – Vamos lá pro quarto, minha cachorrinha. Hoje é dia de tomar vacina no bumbum, lembra?

VERA – Seu safadinho, tava com saudades! Por onde você andou, hein?

ABÍLIO – Com a minha mulher. Ela está de olho em mim.

VERA – Será que ela sabe da gente?

ABÍLIO – Não sei. Outro dia, ela me deu uma violeta e disse que eu tinha que cuidar dela como se fosse o nosso amor. Que eu tinha que regar, cuidar, cultivar...

VERA – Ih, sabe. Isso é papo de mulher que está querendo salvar o casamento. Bem que eu achei que ela me olhou meio esquisito outro dia na garagem...

ABÍLIO – Não, ela não sabe de nada. Se ela desconfia que há outra mulher, certamente, não desconfia de você.

VERA – Você não está se engraçando com outra outra, está? Olha lá, hein? Só deixo a sua esposa tocar em você. E ninguém mais!

ABÍLIO – Eu não dou conta de duas, pra quê ia querer uma terceira?

VERA – Ah, bom.

ABÍLIO – Deixemos esse ciúme bobo de lado e vamos ao que interessa.

VERA – Ui! Não, Bibi, o Edmar pode chegar, é perigoso! Ele só foi ali na banca da esquina pra comprar cigarro!

ABÍLIO – Pode ficar tranquila que ele vai demorar.

VERA – Como é que você sabe? Ele não foi comprar cigarro?

ABÍLIO – Deve ter ido. Também.

VERA – E o que mais? O Edmar tem outra? Fala! Não acredito, aquele corno safado está me traindo? Fala!

ABÍLIO – Não é nada disso, sua boba.

VERA – E o que é que você sabe? Desembucha logo! Ou você fala, ou eu vou achar que você está dando cobertura pra uma traição do meu marido.

ABÍLIO – Tudo bem, tudo bem, eu conto! O Edmar foi pegar os quinhentos reais que ele ganhou no jogo do bicho.

VERA – Ele ganhou quinhentos reais no bicho? Não acredito!

ABÍLIO – Eu não devia ter contado...

VERA – Como não devia? Devia, sim! Não que quinhentos reais seja grande coisa, mas eu estou precisando ir ao salão, olha minha raiz como está, uma vergonha!

ABÍLIO – O seu marido vai usar este dinheiro pra pagar o condomínio!

VERA – Quem manda no meu marido sou eu! Você não manda nem em mim!

ABÍLIO – Ah, vai brigar comigo também, é? Eu não sou o tonto do seu marido, veja lá como fala comigo!

VERA – Ainda bem que você não é meu marido! E se fosse, também já estaria com um belo par de chifres na testa.

ABÍLIO – Muito bem. Acho que não tenho mais nada pra fazer aqui. E tomara mesmo que o seu marido pegue esse dinheiro e te mande pro salão. Além de estar precisando cuidar do cabelo, do rosto e do resto, se ele não pagar o condomínio, vou entrar com uma ação de despejo contra vocês! Tchau!

(Abílio sai, batendo a porta.)

VERA – Tchau! Vai, vai mesmo. Volta pra aquela baranga da tua mulher! Homem é que nem lata, uma chuta, outra cata!

(Abílio sai. Edmar entra contando os quinhentos reais que ganhou. Quando ele vai colocar a chave na fechadura para entrar em casa, Vera grita.)

VERA – Edmar, é você? Cadê esse dinheiro do bicho, Edmar?

EDMAR *(para si)* – Ela descobriu!

(Vera está com a mão na maçaneta para abrir a porta e Edmar, do outro lado, em vez de abrir, tranca a porta. Ela destranca por dentro e ele tranca por fora.)

VERA – Edmar, abre essa porta!

EDMAR – Está com defeito, meu bem!

(Assustado e sem saber o que fazer com o dinheiro na mão, ele coloca os quinhentos reais no jarro de barro. Vera abre a porta. Edmar está ofegante.)

VERA – Já pra dentro, Edmar.

EDMAR – Olá, benzinho.

VERA *(revistando Edmar)* – Benzinho, nada! Eu quero saber dos quinhentos reais que você ganhou no bicho, cadê?

EDMAR – Meu Deus, como as notícias correm rápido neste prédio!

VERA – Não desconversa, Edmar. Ganhou no bicho ou não ganhou?

EDMAR – Foi o porteiro que te contou isso?

VERA – Não interessa. Abre o jogo, Edmar!

EDMAR *(ainda ofegante)* – Ô, benzinho, calma! Não tá vendo que eu tô passando por um momento difícil?

VERA – O que é que foi?

EDMAR – Então, eu ganhei no bicho, sim. Acertei no macaco. Quinhentos reais.

VERA – E cadê o dinheiro?

EDMAR – Pois é. Eu ia fazer uma surpresa pra você, benzinho. Ia te levar pro salão pra comprar uma escova de chocolate bem gostosa pra você... Mas aí, logo depois que eu peguei o dinheiro, vieram quatro moleques armados, me renderam e levaram tudo!

VERA – Ah, levaram tudo, foi? Tadinho... Pensa que eu sou idiota, Edmar? Cadê o dinheiro, hein? (*Revista Edmar*) Cadê, Edmar?

EDMAR (*chorando*) – Levaram tudo, benzinho. Não sobrou nem uma moeda pro cigarro! Quatro moleques, benzinho, quatro! Um pegou numa mão, outro na outra, um numa perna, outro na outra e eu fiquei suspenso no ar, com aqueles marginais me esticando...

VERA – Mas eram fortes esse moleques, hein?

EDMAR – Tinham força de homem! Eram moleques mas tinham corpo de homem! Você sabe como essa juventude se desenvolve cedo, né?

VERA – Sei.

EDMAR – E estavam armados, benzinho, armas pesadas! Ou eu dava tudo pra eles ou eles me matavam! Meu Deus, que cidade violenta!

VERA (*acreditando*) – Ah, Edmar... Tadinho. E eu aqui, pensando mal de você. Te machucaram, meu amor?

EDMAR – Um pouco, só um pouco. Me jogaram no chão, eu caí, um horror.

VERA – Tá com dor?

EDMAR – Ah, dói. Dói, sim.

VERA – Onde dói?

EDMAR – Ah, dói tudo. O corpo inteiro.

VERA – Quer uma massagem, benzinho?

EDMAR – É, acho que não seria mal. É, uma massagem vai bem.

VERA (*deitando Edmar*) – Você vai ficar bom rapidinho!

(Vera começa uma massagem em Edmar. Ele geme de dor. Nesta hora, Nalva volta da feira com uma sacola de frutas e verduras na mão. Ela ouve os dois.)

EDMAR – Ai! Ui!

VERA – Calma, meu amor. Agüenta firme!

EDMAR – Ai!

VERA – Relaxa, benzinho.

EDMAR – Ui!

VERA – Vou pegar óleo pra ficar mais macio, perái.

(Nalva ainda está no hall.)

NALVA – Esse síndico é um descarado, viu? Ele pensa que me enganou com esse papo de que esqueceu a carteira. Ele queria é se pegar com essa vaca! Ou será que ele estava me esperando ir embora pra pegar o meu dinheiro? Será?

(Nalva vai até o jarro de barro e tenta ver se o dinheiro está lá.)

NALVA – Caramba, tá escuro, não dá pra ver!

(Vera volta com o óleo de massagem.)

VERA – Pronto, achei o óleo.

(Assustada, Nalva entra em casa com o jarro.)

NALVA – Melhor conferir aqui que é mais sossegado.

(Com dificuldade, ela retira o dinheiro e percebe que este decuplicou.)

NALVA – Valha-me, Deus! Minha Virgem Santa. Meu padrinho Padre Cícero. Nossa Senhora das Simpatias! Deu certo! Deu certo, Huck! Olha só, tá vendo? *(Conta o dinheiro)* Quinhentos e cinqüenta reais! Veio dez vezes o que eu botei, Huck! Obrigada, meu Deus. Muito obrigada! Menino, que simpatia poderosa, viu? Eu não achei que fosse funcionar tão rápido! Nem achei também que o dinheiro ia sair do vaso, né? Deve ser

por isso que eles pedem um jarro de barro. Barro tem a ver com terra, adubo, aquele que germina! Que dá frutos! Huck de Deus! Tive uma idéia que vai me fazer milionária! E vou pôr esta idéia em prática já!

(Nalva abre a porta para sair de casa, vê o aparador do hall vazio e fecha a porta.)

NALVA – Melhor deixar esse jarro lá fora pra esse síndico não implicar! Vou só tirar meu din... Se bem que, se eu deixar meu dinheiro aqui, vou ganhar dez vezes o que tem. *(Com uma calculadora em mãos)* Dez vezes quinhentos e cinqüenta dá cinco mil e quinhentos! E quando tiver cinco mil e quinhentos, vezes dez vai dar cinqüenta e cinco mil reais! Dindin, tu vai ficar aí mesmo pra se reproduzir e deixar a mamãe rica, viu? E que ninguém chegue perto deste jarro de barro!

(Nalva recoloca o jarro no aparador e sai pelo elevador. Abílio aparece logo em seguida e toca no apartamento de Vera e Edmar.)

EDMAR – Ah, meu Deus, tava quase dormindo. Quem será?

VERA – Quem é?

ABÍLIO – O síndico!

(Vera abre a porta. Edmar finge que está dormindo e começa a roncar.)

VERA – O que é que você quer?

ABÍLIO – Dona Vera, tenho negócios para tratar para com o seu marido.

VERA *(abre a porta)* – Como você pode ver, meu marido está descansando.

ABÍLIO – E quem é que vai pagar o condomínio atrasado? A senhora mesmo?

VERA – A parte financeira é com o meu marido.

ABÍLIO – Neste caso, sou obrigado a acordá-lo.

VERA – Você não pode...

(Abílio bate palma e faz barulho para acordar Edmar.)

EDMAR – Ai, meu Deus! Ladrão de novo? É ladrão? Por favor, me deixem viver!

ABÍLIO – Não é ladrão, não, seu Edmar. Sou eu, o síndico!

EDMAR – Ai, meu Deus! Ai, meu coração. Ui, ui, ui.

VERA – Tadinho! Você assustou ele.

EDMAR – Um copinho de aguinha, Verinha. Pro seu maridinho.

VERA – Já vai, benzinho.

(Vera sai para buscar água.)

EDMAR – Com açuquinha, tá?

ABÍLIO – Muito bem, seu Edmar, passado o susto...

EDMAR – Não passou, não, meu filho. Que passado, que nada! Quem te disse que passou? O senhor por um acaso sabe do trauma que eu sofri?

ABÍLIO – Trauma?

(Vera volta com o copo de água com açúcar em mãos.)

VERA – O meu marido foi assaltado! Levaram todo o dinheiro dele, não sobrou nem uma moeda pro cigarro.

EDMAR – Uma coisa horrível! Não sei onde é que o Rio de Janeiro vai parar com tanta violência.

ABÍLIO – Sei, sei. Roubaram também, deduzo, o dinheiro do bicho!

EDMAR – O senhor não ouviu a minha mulher dizer? Levaram tudo! Foi uma coisa horrorosa, três marginais com armas em punho!

VERA – Não eram quatro, Edmar?

EDMAR – Então, quatro. Eu disse quatro!

ABÍLIO – O senhor falou três.

EDMAR – Três com armas em punho! O quarto não estava armado. Estava só na butuca, vigiando pra ver se chegava alguém.

VERA – Ah, bom.

ABÍLIO – Que coisa, hein?

EDMAR – Pra você ver, a estrutura que essas gangues têm! Enquanto um rouba, outro vigia... E terrível, menino. Um horror!

ABÍLIO – Pois, muito bem. Se até a semana que vem o senhor ou a senhora sua esposa não pagar pelo menos um dos meses atrasados, serei obrigado a entrar com um pedido de despejo!

VERA – Infeliz! Da minha casa, ninguém me tira!

EDMAR – Seu Abílio, cadê seu coração? Que falta de compaixão! Eu aqui, passando por um momento difícil, com meu emocional abalado e o senhor me vem com mesquinhas? Francamente! E a nossa amizade?

ABÍLIO – Que amizade?

EDMAR – Nossos papos no elevador...

ABÍLIO – Sei.

EDMAR – Não lembra daquela chupeta que fiz pro senhor?

VERA – Que chupeta?

EDMAR – Quando o carro dele arriou a bateria. Ele estava atrasado pra um compromisso e foi minha chupeta que salvou ele. *(Para Abílio)* Não foi?

ABÍLIO – Eu já havia lhe agradecido antes. E, com licença, está na minha hora de ir. Continuo irredutível na minha decisão. Ou vocês pagam o que devem ou entro com uma ação de despejo contra vocês. Aguardo seu contato, seu Edmar.

VERA – Tchau!

(Vera sai e Edmar conduz Abílio até a porta.)

EDMAR – Repense, seu Abílio, repense com o coração. Se eu tivesse qualquer dinheirinho guardado, ia ser pra pagar o senhor.

ABÍLIO – Sei, acredito. Ah, só pra avisar, vou pegar este jarro de barro emprestado pra regar minhas violetas.

EDMAR – O quê?! Pegar o quê?!

ABÍLIO – O jarro de barro!

EDMAR – Que jarro, menino?! Pra quê? Hein? Um jarro horroroso desse!

ABÍLIO – A Dona Nalva, sua vizinha, disse que se as plantas forem regadas com um jarro de barro, nascem mais vistosas.

EDMAR – Ah, ela falou, foi? Francamente, seu Abílio, um homem letrado como o senhor, que fala tão bonito para com as pessoas, acreditar que molhar planta com jarro de barro faz a planta nascer mais vistosa, faça-me o favor!

ABÍLIO – Sabe o que é? A minha mulher me deu uma violeta que, segundo ela, representa o nosso amor. Ela disse que se eu não cuidar bem da violeta é porque não estou cultivando nosso amor. Só que eu não entendo de plantas, coloquei a violeta no sol e ela está morrendo. Eu preciso fazer alguma coisa!

EDMAR – Eu tenho uma violeta! Te dou a minha, pronto!

ABÍLIO – Eu não quero outra, quero salvar a minha!

EDMAR – Ô, seu Abílio, violeta é assim mesmo. Vive pouco. Não pode se apegar, não! Se não, vai sofrer à tôa!

ABÍLIO – Mas será mesmo que esse jarro de barro não ajuda?

EDMAR – Que nada, tudo balela!

ABÍLIO – Se era mentira, pra quê ela pegou o jarro?

EDMAR – Olha, seu Abílio, muito cá pra nós, vem cá. Essa minha vizinha não bate muito bem da bola, não, viu? Tem horas que ela não fala coisa com coisa!

ABÍLIO (*acreditando*) – É mesmo?

EDMAR – Tô te falando! Ela é muito solitária, só conversa com esse papagaio aí, é uma relação muito esquisita, sabe?

ABÍLIO – Sei.

EDMAR – Ela fica cantando e dançando sozinha... Olha, eu acho até que ela toma remédio pra não enlouquecer de vez, sabe?

ABÍLIO – Mas isso que o senhor está me dizendo é muito sério! Nós precisamos ter cuidado com esse tipo de gente. Vai que ela resolve botar fogo na casa dela? O edifício inteiro estaria em perigo!

EDMAR – Pois é, pra você ver.

ABÍLIO – E se ela resolve se matar? Todos nós viraríamos suspeitos!

EDMAR – Deus me livre!

ABÍLIO – Mesmo assim, não custa levar o jarro. Se bem não fizer pra minha violeta, mal não há de fazer.

EDMAR (*recolocando o jarro no lugar*) – Ah, pode fazer, sim! Ouvei falar também, seu Abílio, que ela é envolvida com bruxaria! Macumba, magia negra, sabe?

ABÍLIO – O senhor tem certeza do que está dizendo?

EDMAR – Tenho! E se ela pegou esse jarro pra fazer algum despacho? Eles costumam colocar pipoca, farofa e até galinha morta numa tigela de barro. Vai ver ela não tinha a tigela e resolveu pegar um jarro de barro!

ABÍLIO – Meu Deus, é mesmo! Não tinha pensado nisso! Como a gente se engana com as pessoas, hein?

Dona Nalva, com aquela cara de santa!

EDMAR – Pra você ver.

ABÍLIO – Sendo assim, vou confiscar o jarro para que não haja mais rituais de magia negra neste edifício!

EDMAR – Não faça isso! Tá maluco? Pirou de vez? Desmanchar o ebó dos outros é um atraso de vida sem tamanho! Não se mexe na macumba de ninguém!

ABÍLIO – Tem razão, é melhor deixar quieto. Mas e as minhas violetas?

EDMAR – As violetas? Ah, então, acabei de me lembrar que eu tenho na garagem um adubo fertilizante milagroso que vai salvar suas violetas!

ABÍLIO – Que maravilha! Pode pegar pra mim?

EDMAR – Só se for agora! Vamos lá.

ABÍLIO – Vamos.

(Edmar e Abílio saem pela escada. Logo depois, Nalva aparece com um carrinho de supermercado abarrotado de jarros idênticos aos do hall.)

NALVA *(cantando)* – Zum, zum, zum, zum, zum, baba. Zum, zum, baba. Zum, zum, baba. Ah, meus dias de pobre estão contados. Adeus, aluguel! Vou comprar este apartamento pra mim e se essa vizinha me encher muito o saco, compro o dela também e faço um só! Só pra ter sossego. Ah, minha Nossa Senhora das Simpatias... *(Abraça o jarro que estava no aparador.)* Muito obrigada pela graça alcançada! Vou colocar logo esses jarros na minha casa pra não ter olho grande! Cadê minha chave... *(Para pegar a chave na bolsa e abrir a porta de casa, Nalva coloca o jarro do hall no carrinho de supermercado, junto com os outros jarros idênticos.)* Aqui, achei. É melhor esvaziar logo isso pra devolver o carrinho pra garagem, antes que aquele síndico chato reclame. *(Nalva tira os jarros, um a um, e os coloca em cima do aparador e no chão.)* Depois que eu colocar fermento nesses jarros e disser aquelas frases poderosas, este dinheiro há de se multiplicar por dez e depois por mais dez e por mais dez e mais dez! Ah, vou ficar tão rica e tão rápido que eu não sei nem o que vou fazer com tanto dinheiro. Aliás, sei. Vou comprar uma TV LED, um i-phone, aquela câmera que o Nelson Rubens e a Siri vendem... E jóias, claro, muitas jóias! E roupa, muita roupa! Todas de griffe. As mais caras. Vou fazer uma lipo também, uma arrebitada na bunda... E por que não no nariz?

(Edmar e Abílio entram em cena.)

EDMAR – Se não está na garagem, está na minha casa. Eu tenho certeza que ainda tenho deste adubo, seu Abílio.

ABÍLIO – Se tiver, agradeço.

(Edmar e Abílio se espantam ao ver Nalva no hall rodeada de jarros.)

EDMAR – Ai! Ai, ai, ai, ai, ai. Socorro. Meu São Jorge! Mas... Mas o que é isso?! O que é isso?! *(à parte)* Puta que pariu.

ABÍLIO – Pode nos explicar, Dona Nalva?

NALVA – Explicar o quê?

ABÍLIO – Pra quê tantos jarros, ora?

EDMAR – E o que tava aqui, cadê? Hein? Cadê o jarrinho que tava aqui?

NALVA – Olha, vocês dois, me poupem! Seu Abílio, não foi o senhor mesmo que me repreendeu por ter pego emprestado o jarro de barro do condomínio pra regar minhas plantas? Então, só de raiva, comprei um monte. E você, seu Edmar, não disse que o jarro era sem graça, vagabundo e que não ia fazer falta?

EDMAR – Ah, mas é que, sei lá, já tava tão acostumado com ele aí, né? De tanto ver o danado do jarro, já estava até achando ele bonito!

NALVA *(colocando um jarro no aparador)* – Pois, então, pronto, taí!

EDMAR *(tirando o jarro do aparador)* – Obrigado, Dona Marinalva.

ABÍLIO *(tirando o jarro das mãos de Edmar)* – O jarro é do condomínio! Vai ficar aqui e ninguém mais mexe nele.

EDMAR – Ninguém mais mexe nele?

NALVA – Isso mesmo, ninguém mais mexe nele.

EDMAR – Beleza, combinado!

ABÍLIO – Mas, só por curiosidade, Dona Nalva... Pra quê tantos jarros?

NALVA – Tava na promoção. Pague dois, leve dez. Agora, com licença, tenho mais o que fazer. Tchau!

(Nalva entra na sua casa com os jarros e bate a porta.)

EDMAR – Não te falei que ela era esquisita, seu Abílio.

ABÍLIO – Tem toda razão. Isso é macumba! E pela quantidade de jarros, é macumba das brabas! E eu que nunca tinha notado nada... *(Pegando o jarro do hall para avaliá-lo.)* Agora, o que será que ela faz com esses jarros, hein?

EDMAR *(tirando o jarro das mãos de Abílio e recolocando-o no aparador)* – Não pega, querido... Esse jarro deve estar com uma energia carregadíssima! Vamos procurar o adubo... Pode entrar, por favor.

ABÍLIO – Com licença.

(Abílio e Edmar entram na casa de Vera. Nalva está na sua casa preparando os jarros para fazer de novo a simpatia.)

NALVA – Eu posso, Huck, com essa gente xereta? Pobre é fogo, né? Adora tomar conta da vida dos outros!

(Acendendo uma vela) Vou acender uma vela pra Nossa Senhora das Simpatias pra que ela continue iluminando os meus caminhos. Com esse dinheiro que eu vou ganhar, Huckinho, você vai viver numa gaiola de ouro! E eu vou dormir numa king size com colchão de água! Eu mereço, Huck, aliás, a gente merece! Afinal, foi você quem me deu a idéia dessa simpatia. Bom, os jarros já estão aqui, deixe-me ver onde está o dinheiro... Pronto, aqui, tá nesse. *(Pega o dinheiro)* Vou buscar o fermento pra depois distribuir esse dinheiro em todos os jarros, assim, cada jarro vai multiplicar esse dinheiro por dez! São onze notas de cinquenta, onze jarros, perfeito! Meus dias de pobre estão contados!

(Nalva coloca o dinheiro no bolso e vai para sua cozinha procurar o fermento. Na casa de Vera, Edmar reaparece com Abílio.)

EDMAR *(com o adubo em mãos)* – Eu sabia que esse adubo estava guardado em algum lugar, só não sabia onde! Pode replantar sua violeta que ela vai ficar linda.

ABÍLIO – Agradecido, seu Edmar. Já vou indo, minha mulher deve estar preocupada com minha ausência.

EDMAR – Pois, não. Entendo, sei como é que são essas coisas. Essa mulherada não vive sem nós, fica doida quando a gente sai um segundinho.

ABÍLIO – É, ficam doidas! Bom, até logo! E obrigado, mais uma vez.

EDMAR *(levando Abílio até a porta)* – Às ordens, meu querido.

(Abílio sai e Edmar não fecha a porta.)

ABÍLIO – Pode fechar a porta, fique à vontade.

EDMAR – Não, não serei indelicado, eu aguardo.

ABÍLIO – Como queira. *(O elevador chega.)* Até logo!

EDMAR – Tchau!

(Abílio sai. Ao confirmar que ele foi embora, Edmar corre para o jarro do hall.)

EDMAR – Ui, meu dinheirinho! Você tem que estar aí! *(Edmar entorna o jarro vazio.)* Nada! Não acredito. Ai, meu Deus do céu! Essa maluca trocou os jarros. Ela está com quinhentos reais em um daqueles jarros e nem sabe! Daqui a pouco tá jogando água no meu dinheiro pra regar as plantas dela! Puta que pariu!

(Edmar ouve Nalva se movimentando na casa dela e fica ligado.)

NALVA – Huck, acabou meu fermento! Aquele era o último. Vou aqui na vizinha de baixo pegar emprestado e já volto, viu? Vou descalça mesmo.

(Edmar entra na sua casa e acompanha a saída de Nalva pelo olho mágico. Ela deixa a porta entreaberta.)

EDMAR – Essa é a minha chance!

(Edmar entra na casa de Nalva.)

EDMAR – Meu Deus, quantos jarros! Só pode ser pra macumba, não tem outra explicação! Até vela acesa tem! Bem que a Vera falou, viu? E eu pensando que era cisma dela com a Nalva. Que nada! Ela é macumbeira e das grandes! Eu vou logo procurar meu dinheiro e vou embora, não gosto desses ambientes.

(Quando Edmar vai entornar um jarro para procurar seu dinheiro, Nalva volta cantando. Quando ele a escuta, se esconde num ponto em que só a platéia o vê.)

NALVA – *Meu Pai Oxalá, é o rei, venha me valer. Meu Pai Oxalá, é o rei, venha me valer. O velho Omolu, Atotô, Baluaê. O velho Omolu, Atotô, Baluaê.* Pronto, Huck! Agora não falta mais nada pra fazer o meu trabalho. Só preciso me concentrar pra dizer aquelas frases poderosas e esperar pra que minha graça seja alcançada de novo! E aí, Huck, ninguém me segura! Nunca mais essa vizinha vai me incomodar. Vou calar a boca dessa mulher pra sempre, você vai ver! Esse povo não sabe com quem está lidando! Serei muito, muito poderosa, Huckinho!

(Com medo e em um momento de distração de Nalva, Edmar tenta sair mas acaba derrubando um jarro.

Nalva grita desesperada e Edmar também.)

NALVA – Aaaaaaaaah! Ai! Sai! Ai!

EDMAR – Ai! Macumbeira! Assassina!

(Atraída pelos gritos, Vera sai pra ver o que está acontecendo.)

NALVA *(reconhecendo Edmar)* – Seu Edmar? O que é que você está fazendo aqui?

EDMAR – Eu? Então, pois é. Eu vim pra...

(Vera bate na porta de Nalva.)

VERA – Pára com essa gritaria, sua barraqueira!

(Nalva vai abrir a porta e Edmar tenta impedi-la, em vão.)

NALVA – Quem é barraqueira aqui?

VERA – Quem foi que estava aos berros ainda agora, fui eu?

NALVA – Não, fui eu! Por causa do seu marido!

(Vera vê Edmar na casa de Nalva.)

VERA – Edmar? O que é que você está fazendo aí?

EDMAR – Calma, Veroca. Não é nada disso que você está pensando!

VERA – Eu não acredito, não é possível, não pode ser! Edmar, você... E com essa pessoinha desclassificada,

Edmar?

NALVA – Você me respeita, viu? Não sou o seu tipo de mulher!

VERA – Eu exijo uma explicação dos dois!

NALVA – Eu não tenho nada pra explicar pra ninguém! *(Olhando para Edmar)* Eu é que mereço satisfações.

VERA – Desde quando o meu marido te deve satisfações?

EDMAR – Meninas, calma...

VERA – Você fica quieto, se não quiser apanhar!

NALVA – Ele não vai ficar quieto nada, ele me deve explicações! *(Para Edmar)* Eu quero saber o que é que você estava fazendo na...

VERA – Tá querendo tirar satisfações com meu marido, é? Não tô acreditando nisso! Eu, com a minha idade e o meu corpo, ser traída por um lixo como você?

NALVA – Lixo é você, sua vaca!

(As duas se atacam e Edmar as separa.)

EDMAR – Parem já com isso, as duas!

VERA – Edmar, seu traidor! Como você pode me trair com ela?

NALVA – Pimenta no dos outros é refresco, né?

VERA – Hã?

EDMAR – Não entendi.

NALVA – Trair, pode. Ser traído, não. *(Direto para Vera)* Né?

EDMAR – Do que é que ela está falando, benzinho?

VERA – Ah, quer saber? É isso mesmo! Você é corno, Edmar! Corno!

EDMAR – Corno, eu?!

VERA – É! Você não estava me traindo com essa desclassificada?

NALVA – Tá maluca? Eu nem sei o que o seu marido estava fazendo na minha casa!

VERA – Cinismo tem limite, ouviu?!

EDMAR – Com quem você me traía? Com quem?

VERA – Quer saber mesmo?

EDMAR – Quero!

VERA – Com o Abílio!

EDMAR – O quê? *(Para Nalva)* Meu Deus, com o síndico!

NALVA – Eu sei, eu sei.

EDMAR – Você já sabia? O prédio inteiro já sabe? Meu Deus, que filho da puta! Que ódio, que raiva! E ainda levou meu adubo! Eu mato aquele sujeito, eu mato!

(Abílio aparece e bate na porta de Nalva.)

ABÍLIO – Dona Nalva! Os vizinhos estão reclamando do barulho!

NALVA – Ih, chegou mais lenha pra fogueira!

EDMAR *(colocando-se na frente de Nalva)* – Deixa que eu abro!

(Edmar abre a porta e já recebe Abílio com socos e pontapés. Vera e Nalva tentam separar os dois e acabam brigando também. Black-out. Transição. Nalva está sozinha em sua casa.)

NALVA *(arrumando os jarros para a simpatia)* – É, Huck, tô vendo que não vai dar pra morar em prédio, viu?

O negócio é morar em casa! Na Barra da Tijuca. Pra não ter stress com vizinho! Onde já se viu, a louca achou que eu estava de caso com o marido dela! Pode? Povo doido! Pronto, Huck. Os jarros já estão aqui, cada um com cinqüenta reais dentro e o fermento já tá na mão. Agora, vou me concentrar, afinal, não é só um jarro, são vários. Já acendi minha vela pra Nossa Senhora das Simpatias... E vamos lá! *(Jogando fermento nos*

jarros, um a um.) Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro... Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro. Assim como esse fermento faz crescer o pão, também fará crescer o meu dinheiro! *(Repete até jogar fermento em todos os jarros.)* Pronto!

Huck, sou uma quase milionária! Agora é só esperar. *(Senta, olha no relógio e depois de vinte segundos, vai conferir os jarros.)* Nada ainda! Será que da outra vez demorou tanto? Deve ter demorado, né? Não tem

problema! Já sei o que vou fazer. Vou ao shopping e gasto tudo no cartão de crédito. Até chegar minha fatura, já estou rica! Sabe como são os arianos, né, Huckinho, ansiosos, impulsivos! E esse dinheiro já está garantido mesmo! Huck, toma conta da casa pra mim, tá? Mamãe vai às compras!

(Nalva sai. Edmar e Vera aparecem na sala da casa deles.)

EDMAR – Corno! Meu Deus, corno! O prédio inteiro sabia, menos eu!

VERA – Não seja ridículo, Edmar. Eu apenas tratei o Abílio melhor do que deveria pra que ele desistisse da idéia de entrar com uma ação de despejo contra a gente! Se você pagasse em dia esse condomínio, nada disso teria acontecido.

EDMAR – Ah, a culpa é minha? Sou o responsável pelos meus chifres, é isso?

VERA – Edmar, corno, corno, você não é.

EDMAR – Mas lá na casa da Nalva, você disse que eu era!

VERA – Disse por vingança, de cabeça quente! Eu achei que você estava me traindo com aquela sujeita!

EDMAR – Então, eu não sou corno?

VERA – Meu bem, não se prenda a rótulos imbecis! Corno é alguém que já foi, de fato, traído. E traição é quando tem alma no meio, sentimento... E isso não aconteceu entre mim e o Abílio! É você que eu amo, Edmar. Você é a minha vida, o meu bunzunuzunguinho...

(Vera seduz Edmar que se entrega aos carinhos dela. De repente, ela explode.)

VERA – Mas não pense o senhor que eu me esqueci da sua mentira!

EDMAR – Hein? Que susto, benzinho! Ainda se lembra disso, Veroca? Como você guarda as coisas, hein?

Isso faz mal!

VERA – Primeiro, você me escondeu que ganhou quinhentos reais no bicho. Quinhentos reais, Edmar, uma ninharia!

EDMAR – Quinhentos reais é dinheiro!

VERA – Segundo: inventou que foi assaltado, fez aquele teatro todo, se fez de vítima, me fez de idiota! E eu ainda lhe fiz massagem, Edmar.

EDMAR – Benzinho, não briga comigo!

VERA – Você me enganou, Edmar. Isso sim é traição! Eu acreditei em você e você traiu minha confiança!

EDMAR – Vamos combinar o seguinte? Você desconsidera esses meus errinhos e eu esqueço do que quer que tenha acontecido entre você e o Abílio.

VERA – Tá, Edmar, tudo bem. Agora, a gente tem que pensar é nesse dinheiro!

EDMAR – É isso aí!

VERA – Então, deixe-me ver se entendi bem. O dinheiro está no jarro de barro que estava no hall e que agora está com a Nalva, certo?

EDMAR – Exatamente.

VERA – E ela não sabe que esse dinheiro está lá, certo?

EDMAR – Isso. E se eu fosse lá, com jeito, explicasse a situação e pedisse o dinheiro pra ela?

VERA – Depois de ontem? Duvido que ela devolva! O dinheiro está no jarro dela, na casa dela! Ela pode dizer que o dinheiro é dela também. Se ela souber que esse dinheiro está naquele jarro, vai ficar pra ela, com certeza!

EDMAR – É verdade.

VERA – Tive uma idéia!

EDMAR – Qual?

VERA – Antes, tenho uma condição: se a gente pegar esse dinheiro, metade dele é meu.

EDMAR – Metade?

VERA – É pegar ou largar.

EDMAR – Tá bom. Que jeito, né?

VERA – Nós vamos entrar lá.

EDMAR – Ah, é? Como, você tem a chave?

VERA – Não. Vamos entrar pela janela.

EDMAR – Tá maluca? A gente mora no terceiro andar! Uma queda é fatal!

VERA – Dá pra andar pelo parapeito, Edmar. Deixa de ser frouxo! Vamos.

EDMAR – Ai, meu São Jorge...

(Edmar e Vera saem. Abílio aparece sorrateiramente.)

ABÍLIO *(com uma penca de chaves nas mãos)* – A Dona Nalva não sabe, mas antes de morar no apartamento que moro hoje, eu morei neste apartamento. E, se ela não mudou a fechadura, a chave que vai

abrir esta porta é essa aqui. *(Abre a porta. Olha para dentro do apartamento com cautela.)* Isso não se trata de uma invasão de privacidade. Eu, como síndico deste condomínio, tenho o dever de zelar pela segurança de todos. E não é nada mais do que isso o que estou fazendo. *(Entra e fecha a porta.)* Mas pra que diabos essa mulher quer tantos jarros? Pra regar plantas já estou convencido de que não é! Meu Deus, vela acesa... É algum ritual macabro, certamente! O que será que tem dentro desses jarros? Vou ver. *(Com medo e dificuldade, Abílio coloca a mão dentro do jarro.)* Que pó será esse? Um pó branco... Oh, não! Meu Deus, como fui ingênuo. A Dona Nalva é traficante! E tem mais um papel dentro do jarro, o que será? *(Pega o dinheiro.)* Dinheiro! Cinquenta reais. Deve ser o preço desta quantidade de cocaína! Que absurdo. Será que tem cocaína e dinheiro em todos estes... *(Contando.)* Oito, nove, dez jarros? *(Conferindo um a um)* Neste tem. Neste também. E também neste! Bom, não quero me envolver com tráfico, vou deixar a cocaína aí. Já o dinheiro, sou obrigado a confiscar, afinal de contas, ele foi obtido através de práticas ilícitas dentro deste condomínio. *(Leva todo o dinheiro.)* Se permito que um faça, daqui a pouco todos no prédio estarão comercializando tóxicos. Não posso permitir isso.

(Abílio ouve o barulho de alguém entrando pela janela. Ele sai assustado.)

ABÍLIO – Meu Deus! Devem ser clientes da Dona Nalva! Ela deve ter algum serviço do tipo Disk-Pó! É por isso que ela nunca levantou suspeitas! Seus clientes não passam pela portaria, entram direto pela janela! Estou de parabéns pelo meu serviço de detetive prestado ao condomínio. Matei toda a charada!

(Abílio sai e Edmar e Vera entram no apartamento de Nalva pela janela.)

EDMAR *(ofegante)* – Esses são os quinhentos reais mais caros da minha vida!

VERA – Eu é que não vou deixar quinhentos reais pra essa sujeita! Nós vamos pegar esse dinheiro, Edmar, é uma questão de honra! *(Vê Edmar ainda ofegante)* O que é que foi, Edmar? Tá passando mal?

EDMAR – Eu não sabia que a gente morava tão alto! Não sei como não caí.

VERA – Sem dramas, Edmar! Temos que agir rápido, ela pode chegar a qualquer momento. São esses os jarros?

EDMAR – São! Está em um desses! Me ajuda a procurar.

(Vera e Edmar metem a mão nos jarros em busca do dinheiro.)

EDMAR – Que pó branco é esse?

VERA – Cheira pra ver!

EDMAR – Eu, não! E se isso me deixar doidão?

VERA – Francamente, Edmar! Deixa eu ver. *(Cheira o pó na mão de Edmar.)* Isso é fermento! Pra quê essa maluca está colocando fermento nesses jarros?

EDMAR – Pode ser alguma oferenda pra algum orixá, é melhor não mexer.

VERA – Você quer ou não quer o seu dinheiro de volta?

EDMAR – Quero, claro!

VERA – Então, vai, procura!

EDMAR – Olha esses que eu olho aqueles.

(Procuram em todos os jarros e não acham nenhum dinheiro.)

VERA – Nada aqui. Achou alguma coisa aí?

EDMAR – Nada também! Não é possível, tem que estar em algum jarro!

VERA – Edmar, está óbvio que ela achou o dinheiro e ficou pra ela!

EDMAR – Ah, não! Meu dinheirinho...

VERA – Vamos dar o fora, antes que ela chegue!

EDMAR – E se ela escondeu em outro lugar? Vamos procurar!

VERA – Rápido, então!

(Edmar e Vera procuram o dinheiro por todo o apartamento. Enquanto isso, Nalva entra em cena, completamente transformada, com um aplique no cabelo ou uma peruca que faça parecer que ela fez escova, maquiadíssima, com roupas extravagantes e muitas sacolas na mão. Ela entra na sua casa e flagra os dois.)

NALVA – Que porra é essa? Já virou bagunça!

VERA – Cadê o dinheiro do meu marido?

EDMAR – Benzinho, calma.

NALVA – Que dinheiro, maluca? Eu não tenho nada com o seu marido!

EDMAR – Esses jarros...

NALVA – Não toque nos meus jarros! Eles são sagrados.

VERA – Sua macumbeira! Onde já se viu, um jarro de barro com fermento ser uma coisa sagrada?

NALVA – Vocês mexeram nos meus jarros?

EDMAR – Calma, a gente não desmanchou o ebó, não, viu?

(Colocando a mão dentro dos jarros.)

NALVA – Cadê o meu dinheiro! Vocês roubaram o meu dinheiro! Eu vou colocar vocês dois na cadeia! Além de invadirem a minha privacidade, roubam toda a minha fortuna! Tinha quinhentos reais em cada um desses jarros!

VERA – Eu não peguei em dinheiro nenhum! A única ladra aqui é você!

EDMAR – Benzinho, ela achou! Achado não é roubado.

VERA – Edmar, você quer ou não o seu dinheiro?

NALVA – Eu vou chamar a polícia!

(Entra Abílio.)

ABÍLIO – Não será preciso. Já chamei a polícia, eles estão a caminho.

NALVA – Ainda bem! Quero esses dois na cadeia!

ABÍLIO – Quem vai presa é a senhora, Dona Nalva!

NALVA – O quê? Invadem minha casa, roubam meu dinheiro e ainda vou presa? Isso só pode ser uma pegadinha, cadê as câmeras?

ABÍLIO – Fontes seguras me garantiram que a senhora comercializa entorpecentes neste apartamento.

VERA – Tóxico? Mentira!

EDMAR – Dona Nalva... Quem diria!

NALVA – Você é quem deve estar drogado pra dizer uma besteira dessas!

ABÍLIO – Os vizinhos do prédio da frente acusaram a entrada de viciados pela janela do seu apartamento, tudo para não levantar suspeitas na portaria.

(Edmar e Vera se entreolham.)

NALVA – Você tá doido, é? Comeu cocô? Chama muito mais atenção alguém entrando pela janela do que pela portaria!

ABÍLIO – Ah, então, a senhora assume que seus clientes entram pela janela.

NALVA – Meu filho, eu moro no terceiro andar! Só o Homem-Aranha pra escalar o prédio e entrar pela minha janela! *(Vai até a janela.)* A não ser que esse invasor tenha vindo do apartamento vizinho... Aí, dava pra vir andando pelo parapeito! Não é, Dona Vera e seu Edmar?

VERA – Nós viemos aqui pra buscar o que é nosso!

EDMAR – O meu dinheirinho!

NALVA – Que dinheiro? Quem roubou o meu dinheiro foi vocês!

ABÍLIO – Veja bem, a invasão dos seus vizinhos não retira a queixa de que a senhora comercializa entorpecentes aqui. Foi descoberto que a senhora armazenava cocaína dentro desses jarros de barro.

NALVA – Puta que pariu! O povo fala, viu?!

ABÍLIO – Mais uma vez, a senhora confirma, não é?

NALVA – Confirmo o cacete! Ora, que saco! Já estou perdendo a paciência! *(Pega os jarros.)* Tá vendo isso aqui? É fermento! Fermento, ouviu? Pra fazer render o meu dinheiro! *(Olhando para Vera e Edmar.)* Dinheiro este que sumiu!

VERA – Eu não tenho nada a ver com isso!

EDMAR – É verdade, nós não pegamos dinheiro nenhum! Até viemos pra cá com essa intenção mas, pelo visto, alguém passou aqui antes da gente.

ABÍLIO (*cheirando o fermento*) – Fermento? Fermento num jarro de barro pra fazer o dinheiro render? A senhora quer que eu acredite nisso?

NALVA – É uma simpatia! Já fiz uma vez e deu certo. Coloquei cinqüenta reais no jarro de barro aí do hall e, quando fui ver, tinha quinhentos e cinqüenta!

EDMAR – Esse dinheiro era meu! Era meu!

NALVA – Seu?

VERA – Foi o dinheiro que ele ganhou no bicho. Ele escondeu no jarro!

ABÍLIO – Não tinham roubado o senhor, seu Edmar?

EDMAR – Ué, e não roubaram?! Roubaram de dentro do jarro!

NALVA – E de dentro da minha casa! Ai, meu Deus... Quer dizer que aquele dinheiro era seu? Não foi minha simpatia que deu certo? Eu não tô rica como eu pensava? Ah, não... E eu comprei tudo no cartão de crédito! Tô ferrada.

ABÍLIO – É só devolver tudo pra loja. O Código de Defesa do Consumidor dá sete dias pro cliente desistir da mercadoria.

NALVA (*tirando a peruca*) – Poxa, mas eu estava gostando do meu cabelo...

EDMAR – Ué?! Era peruca?

VERA – Homem é fogo, hein?

NALVA – Tá, eu devolvo minhas compras. Só não entendi uma coisa: se a minha simpatia não funcionou pra aparecer o dinheiro, como ele desapareceu?

EDMAR – Também queria saber.

VERA – Alguém pegou.

NALVA – Alguém quem?

(*Toca o interfone. Nalva vai atender.*)

ABÍLIO – Deve ser a polícia.

NALVA – Alô. Oi, sou eu. O Abílio? Tá, sim. Como? Peraí. *(Para Abílio)* É a sua mulher. Ela disse que bateu a porta do carro com a chave dentro e precisa da cópia que está no chaveiro que tem a chave do seu antigo apartamento...

ABÍLIO – Deixa que eu falo com ela.

NALVA – Não, peraí. Antigo apartamento? E qual seria esse antigo apartamento? Aqui? Ah, tá... Olha, querida, a chave está aqui, sim, inclusive, ele a usou indevidamente e...

(Edmar toma o interfone de Nalva.)

EDMAR – E ele também usou minha mulher indevidamente! Pegou a minha mulher e o meu dinheiro, esse safado! Não, ele não pode falar. Agora, não. Primeiro, vamos acertar as contas com ele!

(Desliga.)

ABÍLIO – Calma, vamos conversar. É conversando que a gente se entende...

NALVA – Cala a boca! Vera, você que tem mais intimidade, revista ele!

EDMAR – Vai com calma, hein, benzinho.

VERA *(revistando o bolso de Abílio)* – Aqui! A chave e o dinheiro.

EDMAR – Meu dinheirinho! Até que enfim!

NALVA – Peraí que cinqüenta são meus!

VERA – E duzentos e cinqüenta são meus! Nosso acordo, esqueceu?

ABÍLIO – E pra mim, nada?

NALVA – Pra você, cadeia! Por invasão de privacidade...

VERA – ...furto do dinheiro alheio...

EDMAR – ...e da mulher alheia!

(Em off, a voz da mulher de Abílio grita.)

OFF – Abílio, seu filho da mãe! Eu sabia que você estava me traindo! Eu sabia!

(Abílio corre para a janela e todos vão atrás dele.)

ABÍLIO – Amor, calma. Olha o escândalo! Vou perder meu cargo de síndico do prédio. Me espera, calma, vamos conversar!

(A mulher de Abílio joga pela janela pertences dele.)

ABÍLIO – Não, não! Minhas roupas, não! Amor, meu computador, não, por favor! Ainda faltam 32 prestações pra pagar!

(Por último, ela joga a violeta.)

ABÍLIO – Amor, a violeta! Eu vou subir. Preciso conversar com a minha mulher. Ela tem que me perdoar!

NALVA – Nem mais um passo, Seu Abílio. Antes, nós temos que lhe perdoar.

VERA – É isso mesmo!

EDMAR – E eu não perdôo!

ABÍLIO – Façamos o seguinte: vocês esquecem este infeliz ocorrido de hoje e eu não entro com a ação de despejo contra vocês.

EDMAR – Que infeliz ocorrido? Já não me lembro de mais nada.

NALVA – Mas eu me lembro! Os três invadiram minha casa. Isso é crime!

VERA – Nalva, querida. Vem cá. Olha, está na hora de levantarmos a bandeira branca, não acha? Tenho uma proposta. *(Coloca o dinheiro que estava em suas mãos nas mãos de Nalva.)* Tá aqui, toma. Meus duzentos e cinqüenta reais...

EDMAR – Amor, que gesto bonito.

VERA *(tomando o dinheiro das mãos de Edmar e colocando-o nas mãos de Nalva)* – Mais os duzentos e cinqüenta do Edmar.

EDMAR – Veroca, meu bem, não...

NALVA – Oba, aceito, sim!

EDMAR – Espera...

VERA (*à parte, para Edmar*) – Fica quieto, Edmar. Encare isto como uma fiança. Se ela nos dedurar, estamos presos! Estou fazendo um bom negócio, acredite!

EDMAR (*para Nalva*) – Então, querida, pois é... É com muito gosto, com muito agrado e boa vontade que lhe dou este dinheiro. Fruto dos rendimentos deste jarro de barro! E certo de que o dia de hoje será esquecido por todos nós. Não é?

NALVA (*guardando o dinheiro*) – O dia de hoje? O que aconteceu de diferente no dia de hoje? Não lembro de nada.

ABÍLIO – Maravilha. Agora que está tudo resolvido, sugiro que voltemos pra nossas casas. Vou avisar ao porteiro pra, se a polícia vier, dizer que alguém passou um trote pra eles e pronto. Muito bem, até logo a todos.

VERA – Vamos, Edmar. Vamos pra casa. Tchau, Nalvinha!

EDMAR – Até logo, Dona Nalva.

NALVA – Tchau, tchau, tchau. Boa noite! Até.

(Todos saem de cena e Nalva fica sozinha com Huck.)

NALVA – Bando de doidos! Eu, hein? Mas, enfim, tudo se resolveu. O jarro de barro não multiplicou o meu dinheiro mas, no fim das contas, acabei com o bolso cheio! Peraí... Huck! Huck, querido, a simpatia deu certo! O que eu pedi foi dinheiro e, no fim das contas, eu consegui! Dez vezes mais o valor das minhas economias! Em hora nenhuma o livro disse que o dinheiro ia sair do jarro... Só diz que vem... E veio! Huck, isso me inspira a fazer outra simpatia. Desta vez, não por dinheiro! Vou fazer pra arrumar um namorado. Ou melhor, um namorado rico! Assim, mato dois coelhos com uma paulada só! *(Pega o livro)* Cadê, cadê... Aqui! *(Lendo)* Quando ouvir tocar o sino de qualquer igreja, vá até lá, jogue uma moeda numa fonte de água benta e faça um pedido a Santo Antônio, o santo casamenteiro, para que lhe arrume um marido rico. *(Barulho de sinos)* Olha! Meu Deus, é um sinal. Peraí, Santo Antônio, já tô indo.

Fim.